

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

senta um notável estado de boa conservação (durante séculos esteve parcialmente soterrado e serviu de habitação a muita gente). Perto foi apreciada uma construção conhecida pelo nome de *mammisi* (ou casa do nascimento), o local onde, miticamente, a deusa dava à luz (neste caso era a deusa Ísis a dar vida ao seu filho Hórus). Aproveitando a paragem do barco no cais de Esna, os que quiseram foram visitar o pequeno templo de Esna, dedicado a Khnum, venerado também na zona de Assuão-Elefantina (1ª catarata). Nessa noite, houve uma animada festa a bordo onde todos se vestiram com trajes regionais egípcios.

O sétimo dia da excursão proporcionou, pela manhã, a travessia da margem oriental para Tebas Ocidental, visitando o Vale dos Reis, com possibilidade de entrada em três túmulos faraónicos: Tutmés III, Amen-hotep II e Ramsés III, ou, para quem quis em alternativa, o de Seti I. Pagando um suplemento, alguns entraram no túmulo do famoso rei Tutankhamon. Seguiu-se a visita do belo templo funerário da rainha Hatchepsut, em Deir el-Bahari, e depois a passagem pelos chamados «Colossos de Memnon», na entrada do antigo templo funerário de Amen-hotep III, onde ainda hoje decorrem trabalhos de escavação. De tarde percorreu-se o vasto templo de Karnak, iniciando-se o tradicional percurso pelo pátio bubástida, colunata de Taharka, templo de Ramsés III, grande sala hipostila de Seti I e Ramsés II, a área de Hatchepsut e Tutmés III, o núcleo central do Império Médio, área do Akh-menu e lago sagrado. O dia terminou com a visita ao templo de Lucsor, com obras fundamentais dos reinados de Amen-hotep III, santuário, sala da barca, sala hipostila, pátio hipostilo e colunata (meados do século XV a. C.) e Ramsés II (meados do século XIII a. C.), com pátio e pilone.

No oitavo dia partida do aeroporto do Cairo com destino a Lisboa, onde todos chegaram mais enriquecidos culturalmente.

Luís Manuel de Araújo

TERÁ SIDO DESCOBERTA A CÂMARA SECRETA DE KHUFU?

Num livro publicado em Paris pela Fayard e lançado a 1 de Setembro de 2004, em Paris, um arquitecto francês, de seu nome Gilles Dormion, anuncia haver localizado um compartimento, até há pouco desconhecido, no próprio coração da Grande Pirâmide, mandada erguer no planalto de Guiza pelo rei Khufu (IV dinastia). Mais: afirma lá se poderem encontrar ainda os restos mortais de Khufu. A referida

obra, intitulada *La Chambre de Chéops*, conta com um prefácio do conhecido egiptólogo francês Nicolas Grimal, docente do Collège de France e director honorário do reputado Institut français d'Archéologie Orientale (IFAO). A dado passo, Grimal escreve: «Se as conclusões a que chegou esta investigação se revelarem exactas, então tratar-se-á, sem dúvida, de uma das maiores descobertas da Egiptologia. Não é necessário aqui insistir no carácter emblemático da Grande Pirâmide, nem no extraordinário contributo que constituiria para a história a descoberta do túmulo, até hoje inviolado, do seu proprietário».

Com efeito, o livro em questão mostra-nos nada mais, nada menos, do que a possível localização de uma câmara «desconhecida» no interior da pirâmide de Khufu, um compartimento intacto que, segundo Dormion, conteria ainda o corpo do soberano (c. 2560-2535 a. C.), bem como o seu recheio funerário. Esta obra representa o corolário de dezassete anos de pesquisas intensivas levadas a cabo nas construções piramidais da IV dinastia, sendo Dormion coadjuvado nessa quase ingente tarefa por Jean-Yves Verd'hurt, seu inseparável companheiro de reflexão e de prospecções no terreno.

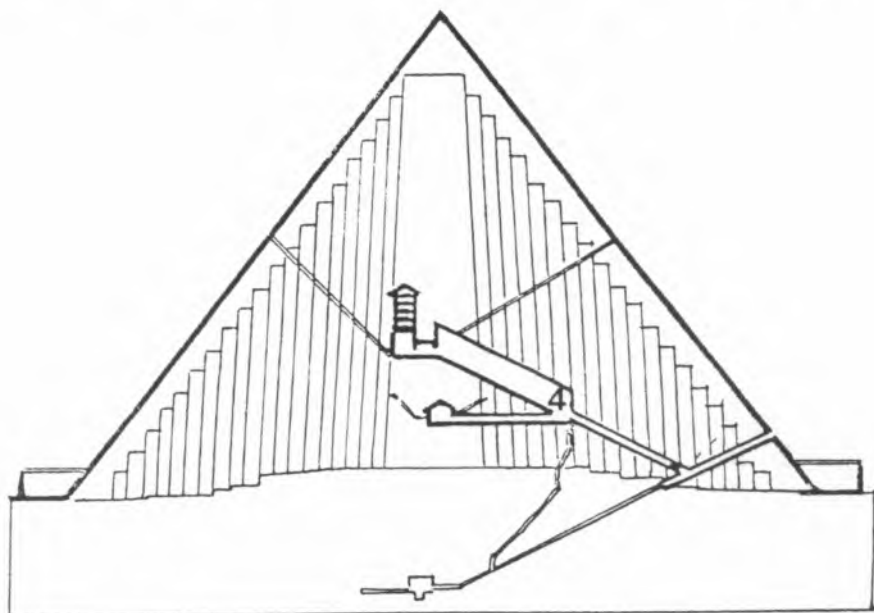
Em mais de 300 páginas ilustrativas de uma demonstração teórica rigorosa, o Autor, partindo de certas anomalias assinaláveis em indícios arquitectónicos, logrou, em certa medida, descodificar a complexa edificação da maior pirâmide do antigo Egipto. Ainda que Dormion e o seu amigo Verd'hurt não possuam formação académica específica no domínio da Egiptologia, ambos estão longe de ser meros desconhecidos nestas «andanças», nem tão pouco se limitam à condição de amadores. Em 1996, Dormion publicou um interpelante estudo igualmente respeitante à pirâmide de Khufu (*L'Enquête Chéops*), tão sugestivo que, dois anos volvidos, o director do serviço de restauros egípcios veio a solicitar aos dois especialistas a instalação de um sistema de ventilação na Grande Pirâmide.

Em 2000, por ocasião do Congresso Internacional de Egiptologia que decorreu no Cairo, Dormion e Verd'hurt apresentaram uma comunicação que revelava a existência de duas câmaras desconhecidas na pirâmide de Meidum, monumento erguido pelo rei Seneferu, pai de Khufu. Ao discorrerem sobre o assunto, utilizaram apenas o vocábulo «hipótese», que, por enquanto, ainda está por confirmar *in situ*. Até hoje, e a despeito de um requerimento oficial formulado por Nicolas Grimal, em nome do Collège de France, no Outono de 2003, o actual Conselho das Antiguidades Egípcias tem-se oposto à realização de qualquer tipo de actividades nesse sentido. Além disso, o respeitado estudioso suíço R. Valloggia, igualmente convencido da relevância que

assumiria a concretização dessa investigação, empreendeu *démarche* idêntica à do seu colega francês, escrevendo uma carta em nome da Universidade de Genebra (onde ele lecciona), mas com o mesmo insucesso.

Em face desse panorama desanimador, caracterizado por sucessivas recusas por parte do Conselho de Antiguidades Egípcias, Dormion decidiu que chegara a hora de dar à estampa o seu estudo arquitetónico. Note-se que, no dia 8 de Setembro de 2005, em Grenoble (aquando do 9º Congresso Internacional de Egiptologia), o Autor fez nova comunicação, no termo da qual procedeu a uma espécie de pedido em público, defendendo a premente necessidade de se encetarem escavações e sondagens no interior da pirâmide do segundo rei da IV dinastia. É um procedimento invulgar entre os membros da comunidade egiptológica, que geralmente publicam e divulgam textos e achados em revistas da especialidade. Contudo, a iniciativa de Dormion tem pelo menos a vantagem de transmitir a um significativo número de pessoas o fruto de anos de exaustivo labor no Egito e, ao mesmo tempo, de salvaguardar a paternidade das teorias enunciadas.

Recorde-se que a pirâmide de Khufu apresenta uma planimetria que não se assemelha a nenhuma outra. Ela é a única a estar provida de três câmaras escalonadas no interior de um maciço pétreo



Esquema interno clássico da grande pirâmide de Khufu.

com 147 metros de altura: uma câmara subterrânea, escavada a 30 metros de profundidade, abandonada; uma câmara chamada «da rainha», que, na realidade, jamais abrigou qualquer sepultura de uma esposa real e cuja função permanece ainda controversa; e, por fim, a «câmara do rei», onde se encontra um sarcófago vazio, sendo esta última a única aberta aos visitantes.

Foi na mais enigmática das três, a «câmara da rainha», que Dormion e Verd'hurt terão detectado indícios que, após anos de pesquisa, os conduziram a localizar uma cavidade até aí ignorada: primeiro indício, um «nicho», estranhamente situado na parede este da câmara. Certos egiptólogos pensaram que outrora talvez lá tenha sido colocada uma estátua. Não se conhece, todavia, qualquer outro exemplo de um enquadramento deste tipo nas pirâmides egípcias.

Dormion encara esse elemento como um dispositivo arquitectónico. Tal «nicho», profundamente escavado e esquadrihado por antigos ladrões de tumbas desde a Antiguidade, ao longo de mais de 10 metros, encontra-se muito danificado. Segundo o Autor, «o estudo desta parte da pirâmide, julgada acessória, foi sempre negligenciada, tanto mais que um gradeamento interditava o acesso a esse espaço» (p. 237); «Quando nós pusemos em funcionamento a ventilação da Grande Pirâmide em 1998, pudemos penetrar no buraco (feito pelos profanadores) e estudá-lo brevemente, o suficiente para aí constatar coisas essenciais», designadamente o facto de o «nicho» outrora se abrir para uma conduta, passagem estreita construída em pedra, ulteriormente tapada.

Ao tomar-se em consideração esta passagem, então o *modus operandi* dos meliantes de antanho torna-se mais claro. Segundo Dormion (p. 240), «eles repararam, ao centro do nicho, no aparelhamento de pedra característico de uma abertura murada. Extraíram então os blocos da parede e descobriram efectivamente uma pequena passagem estreita, em maçonaria, com cerca de 5 metros de comprimento. Persuadidos que isso queria dizer que algo havia a leste da «câmara da rainha», eles prolongaram esse túnel nessa direcção». O pavimento da referida passagem é atravessado por uma espécie de conduta que comunica para baixo.

Ante tal facto, não se pode deixar de imaginar que aí existissem engenhos com cordas e roldanas. A síntese de todos estes elementos leva a depreender-se que se está na presença de uma «passagem de serviço», que permitia aceder de cima a «alguma coisa», mediante cordame que se inseria num orifício. Mas havia igualmente vedações, que consistiam em pesadas lajes de pedra verticalmente posicionadas

no corredor dos túmulos piramidais, a fim de evitar a entrada nas câmaras funerárias. Outro dos indícios detectados por Dormion e pelo seu colega radicam na disposição das lajes que cobrem o pavimento, que, para eles, se afigura «incoerente». Marcas de entalhes e de encaixes atestam que o pavimento da câmara era revestido por um lajedo, actualmente desaparecido (p. 247). Em vários pontos concretos, verifica-se que o pavimento foi objecto de manipulações consecutivas. Essas remodelações, no entender do Autor, só podem imputar-se aos próprios construtores da pirâmide.

Os dois indícios atrás mencionados, além de várias outras anomalias, apenas têm um significado: «Lá devia existir “alguma coisa” debaixo da “câmara da Rainha”» (p. 251). No intuito de confirmarem esta hipótese, os investigadores decidiram confrontar as suas conclusões com a objectividade facultada por meios científicos: recorreram às detecções electromagnéticas, efectuadas através de um georadar, ao nível do pavimento da câmara. Para Dormion, os resultados obtidos não podiam ser mais satisfatórios: «O georadar detectou o tecto de uma estrutura com 3,50 m sob o pavimento da “câmara da rainha”» (p. 266). Se a isto acrescentarmos uma altura de passagem *standard* de 1,20 m, o soalho da estrutura situar-se-ia a cerca de 4,70 m mais abaixo, altura compatível com a função das vedações de pedra. Ao conjugar-se todos estes dados, a câmara elevar-se-ia, aproximadamente, a mais de 16,50 m na pirâmide.

Pelo actual lajedo, Dormion depreendeu que tal compartimento nunca terá sido violado: «Há ainda argamassa original entre as várias lajes e junções, prova de que o pavimento actual da câmara não foi “mexido” desde a criação da pirâmide» (p. 347). Assim sendo, é muito provável que o sarcófago e o corpo do faraó ainda se achem no interior do monumento piramidal.

Caso se confirme a teoria ideada por Dormion, a localização de uma câmara desconhecida na pirâmide de Khufu parece perfilar-se como eventual solução para diversas dúvidas e incertezas, que, obstinadamente, persistiam acerca das anomalias observáveis na construção desse grande monumento. Um processo delicado e complexo, que em seguida resumiremos em algumas linhas de força.

As pesquisas de Dormion e de Verd'hurt não se restringiram ao «coração» da Grande Pirâmide. Há já dezassete anos, como atrás se disse, que esses dois franceses têm desenvolvido um aturado exame de todas as pirâmides da IV dinastia (c. 2625-2470 a. C.). Analisaram circunstanciadamente os monumentos que precederam o de Khufu, em Meidum, Dahchur Norte (a chamada Pirâmide Vermelha), e em Dahchur Sul (a Pirâmide Romboidal), as três erigidas a mando de

Seneferu. Também estudaram as pirâmides subsequentes – a de Radjedef, em Abu Roach, e a de Khafré, no planalto de Guiza.

Ao adoptarem um peculiar método de análise arquitectónica, os dois franceses conseguiram situar, em 1999, dois corredores e igual número de câmaras, de cuja existência não se tinha notícia, em Meidum. Esta descoberta fez com que tanto Dormion como Verd'hurt viessem a ser reconhecidos pelo meio científico. Foi esse mesmo sistema metodológico, alicerçado na observação meticulosa de todas as estruturas e anomalias de um monumento, que voltaram a empregar na Grande Pirâmide: esta, conquanto materialize um apogeu sob o ponto de vista arquitectónico, não representa, porém, uma excepção. Em Meidum, por exemplo, a pirâmide tem exactamente as mesmas proporções: «Chéops [Khufu] inscreve-se, pois, sem mistério algum, na tradição da evolução das técnicas da época».

Mas, enquanto a Grande Pirâmide oferece campo relativamente reduzido para uma análise aprofundada, visto que apresenta, irónica e curiosamente, o «inconveniente» de se encontrar quase intacta, outros monumentos homólogos, por seu turno, mais degradados, permitem que neles se possam observar e estudar de forma meticulosa as suas respectivas estruturas internas.

A primeira conclusão a que Dormion e Verd'hurt chegaram é bastante simples: a construção das pirâmides efectuava-se em duas etapas. Com efeito, se remontarmos ao primeiro monumento piramidal, a pirâmide escalonada de Djoser (c. 2690-2670 a. C.), erigido no planalto de Sakara no início da III dinastia, deparamos com um edifício feito em degraus, escalonado. Em princípios da IV dinastia, ou seja, cerca de cinquenta anos depois, os Egípcios conseguiram dar forma à verdadeira pirâmide, primeiramente com a de Meidum. Mas os degraus, que possuíam um forte significado simbólico, já que materializavam a escadaria destinada à ascensão celeste da «alma» do rei, não desapareceram; na realidade, mantiveram-se, só que dissimulados. Os Egípcios erguiam, numa primeira fase, um maciço independente composto de escalões, antes de o cobrir por uma maçonaria complementar e um revestimento. Segundo Dormion (p. 34), «os núcleos em degraus atestam-se pelo número das pirâmides, e as medidas de micro-gravimetria, realizadas pela EDF, revelaram a existência provável de uma tal estrutura no seio da Grande Pirâmide». Caso aceitemos este modo de construção em duas etapas sucessivas, quase todas as anomalias detectáveis na pirâmide se afiguram, como adiante veremos, compreensíveis.

Outra das conclusões que atingiram os dois franceses: os Egípcios temiam, acima de tudo, que os corpos dos seus reis defuntos

viessem a ficar esmagados sob a pesadíssima massa dos seus grandes túmulos: «É mais do que garantido que os construtores das pirâmides estavam plenamente conscientes da enormidade do peso que elas acumulavam» (p. 46). A este respeito, as técnicas empregues e os esforços envidados oferecem claro testemunho de uma preocupação constante – garantir a robustez das estruturas, a fim de que as câmaras funerárias não rúissem devido à pressão das cargas suportadas. Veja-se o paradoxo destas estruturas: a enorme massa destinada a proteger o cadáver do rei constituía, de facto, a principal ameaça em relação à qual estava exposto ou sujeito.

A pirâmide de Dahchur Sul evidencia vestígios de um desmoronamento, o que possivelmente conduziu ao seu abandono. Este avatar teria profundas repercussões na construção da Grande Pirâmide de Khufu. Explicaria, por exemplo, a presença de três câmaras no seu interior. Para Dormion, tais compartimentos corresponderiam a três projectos consecutivos, elaborados e modificados à medida que as obras iam avançando, e não, como defendem alguns egiptólogos, obedecendo a um plano previamente definido.

Khufu foi o primeiro soberano a edificar a sua pirâmide no planalto de Guiza, a oeste do Cairo. Khafré, seu filho, e Menkauré, seu neto, lá mandariam também erguer os seus monumentos. O irmão de Khafré, Radjedef, preferiu Abu Roach, a 8 km para norte. Quanto ao grande ancestral Seneferu, mandou construir três residências para a eternidade mais a sul, em Dahchur e Meidum.

A primeira câmara de Khufu terá sido escavada a cerca de 30 m de profundidade, no subsolo, prática que não se verificou em nenhuma das anteriores pirâmides. É plausível que o acidente ocorrido em Dahchur Sul tenha levado os arquitectos reais a pensar numa câmara profunda, ao jeito de hipogeu, para a colocar ao abrigo de eventuais problemas suscitados pelos caprichos da mole pétreia (cf. p. 78). O certo é que este projecto inicial se pôs de parte por motivos que se desconhecem:

«O inacabamento desta câmara é flagrante. As paredes e o tecto são rudimentares. O pavimento revela-se muito irregular» (p. 76). Tal compartimento jamais se tornou operacional, o que constitui uma prova de que não faria parte de um projecto global pré-estabelecido.

Após o abandono do aposento subterrâneo, uma nova câmara, chamada «da rainha», foi edificada no interior da pirâmide, numa localização normal para um espaço funerário. No entanto, diversas anomalias nela observáveis, fazem-nos questionar quanto à sua efectiva função. Para já, o aspecto peculiar das suas condutas, ditas de «ventilação». Do que se trata? De duas estreitas passagens de secção

quadrangular, com 20 cm de lado, que atravessam a massa do edifício em direcção ao revestimento exterior do mesmo. Na denominada «câmara do rei» existem mais duas. Elas só se encontram na Grande Pirâmide, e a função que exerceriam permanece ainda objecto de uma acesa discussão entre especialistas (veja-se, a propósito, um artigo incluso na revista *Sciences et Avenir*, nº 669, Novembro de 2002). Para uns, seriam sistemas de arejamento, para outros condutas «psíquicas» relacionadas com a passagem da alma régia rumo ao percurso celeste de Ré: contudo, nenhuma das explicações é verdadeiramente convincente ou satisfatória.

Seja como for, as condutas da «câmara do rei» e as «câmara da rainha» apresentam uma diferença fundamental – enquanto as primeiras estão abertas nas duas extremidades e desembocam no exterior da pirâmide, as últimas, pelo contrário, acham-se obturadas nos dois cantos.

Outra anomalia: não se vislumbra qualquer tipo de sistema que permitisse vedar o acesso à «câmara da rainha», facto que por si só torna pouco credível a sua alegada função de aposento funerário. Além do mais, como salienta Dormion, «nela nunca se encontrou o menor indício de um sarcófago» (p. 261). Por último, esta câmara, duas vezes mais pequena que as demais, e de configuração quadrangular, contrariamente às outras, oblongas, faz com que ela não pareça enquadrar-se na escala do próprio monumento.

À medida que se foi erguendo o núcleo em degraus da pirâmide, pôs-se em execução um terceiro projecto, a realizar-se num local mais elevado do edifício: a famosa «câmara do rei». A preocupação maior dos construtores de pirâmides relacionava-se com um problema bem concreto – evitar que as câmaras funerárias não viessem a ser esmagadas pelo peso de toda aquela cantaria acumulada. No decurso do longo período de edificação do monumento, a dúvida e a reflexão mais ponderada conduziram à elaboração da solução talvez julgada ideal: quanto mais acima se situasse a câmara mortuária na pirâmide, menos pressão ela viria a sofrer.

Este terceiro projecto explicaria o motivo pelo qual as chamadas «condutas de ventilação» da «câmara da rainha» foram tapadas. Aquando da segunda fase da construção, ao colocar-se o conjunto pétreo complementar e o revestimento exterior da pirâmide, essas condutas, tornadas inúteis, foram pura e simplesmente recobertas. Para Dormion, «as condutas de ventilação são verdadeiros testemunhos ilustrativos na massa da pirâmide. Elas não só revelam uma modificação, mas também o processo de construção feito em fases sucessivas» (p. 51).

Neste estádio, a «câmara do rei» constituiria o aposento funerário oficial de Khufu. Assim, poder-se-ia imaginar que o soberano aí teria sido inumado para a eternidade, tanto mais que esse espaço até contém um sarcófago. Em suma, é esta a tese geralmente aceite.

Mas, segundo Dormion, as coisas não serão tão simples ou lineares. Em abono da verdade, este compartimento, visitado quase religiosamente por catervas de turistas anualmente, pode tão-só resumir-se a um logro. O que se terá, então, passado? O terceiro projecto foi terminado na sua configuração definitiva, na altura em que também estavam prestes a acabar as obras do núcleo piramidal. Quando tudo parecia estar a correr bem, eis que algo aconteceu – ao colocar-se maior quantidade de pedras na estrutura superior, o peso naturalmente aumentou, concentrando-se directamente sobre o tecto da «câmara do rei», passando a registar-se nela o dobro da pressão. O seu sistema de escoramento não suportou a carga pétreo e então deu-se um acidente: cederam todas as vigas de granito que formavam o tecto da câmara (cada uma ascendendo a 50 toneladas). A gravidade desse sinistro parece ter sido em regra minimizado por diversos egiptólogos. Muitos consideraram que tal ocorreu em resultado de um eventual sismo, que teve lugar séculos mais tarde. No entanto, esta explicação não possui fundamentos sólidos – que sismo, quando? Se foi esse o caso, porque é que não se descobriram vestígios desse abalo noutras parcelas da pirâmide?

Para Dormion, o acidente sucedeu ainda durante a edificação do monumento, bem à vista dos seus construtores (sobretudo de Hemiunu e seus assistentes). O tecto da câmara evidencia alguns indícios do escoramento inicial, mas, sobretudo, restos de argamassa nas fissuras de várias vigas, o que demonstra, decerto, uma tentativa de resolução do problema. A ruptura do viga mento significou um facto de extrema gravidade; viria a ter consideráveis repercussões, a tal ponto que, depois do monumento de Khufu, nenhuma outra câmara funerária seria construída no interior das pirâmides (cf. p. 169). Consequentemente, a «câmara do rei» ficara fora de serviço.

Na realidade, todo o problema da Grande Pirâmide poder-se-á resumir no enunciado do seguinte teorema: Khufu fez construir três câmaras mortuárias. A primeira ficou inacabada, a segunda estava disponível, e a terceira sofreu o efeito do peso vindo de cima: Khufu seria então sepultado na segunda.

Retornemos, pois, ao segundo projecto. Como já vimos, esta câmara não patenteia as típicas características de um aposento funerário: não está provida de sarcófago, não tem sistema de ventilação e

apresenta dimensões reduzidas. Restará uma hipótese: tratar-se de um compartimento auxiliar ou subsidiário; daí que na sua proximidade imediata se possa localizar a verdadeira câmara de Khufu, ainda dissimulada.

Ao examinarem «todos os vestígios de intervenção, manipulação e de tapamento», observáveis na «câmara da rainha», Dormion e Verd'hurt acabaram por localizar aquilo que consideram ser autênticos aposentos funerários do segundo projecto, onde logicamente o faraó teria sido inumado. Esses aposentos situar-se-ão sob a «câmara da rainha», no seu prolongamento. A partir desta última devia, com efeito, poder-se manipular dois sistemas de vedações, cujas lajes tapavam um corredor subterrâneo. A presença do corredor, primeiramente deduzida pela análise arquitectónica, confirmou-se depois em 2000, através dos resultados obtidos com a ajuda de um radar geológico *Ramac*, manobrado por um especialista, J.-P. Baron, da Société Sefage. Foi ele que orientou a sondagem em direcção aos ditos aposentos, localizados mais a oeste. Resultado: detectou-se o tecto de uma estrutura sita a cerca de 3,50 m abaixo da «câmara da rainha».

Além do mais, mediante atenta e meticulosa observação, vê-se que parte do lajedo da «câmara da rainha» terá sido deslocado. A este respeito, Dormion imagina este cenário – por ocasião da edificação do segundo projecto, o acesso ao compartimento mortuário fazia-se por uma entrada localizada a leste da pirâmide, mas que foi suprimida, ao mesmo tempo que as condutas de ventilação, no momento em que se preencheram as faces do edifício com massa pétreia. Quanto foi necessário reactivar o segundo projecto, no seguimento do acidente ocorrido na «câmara do rei», os construtores tiveram que criar um novo acesso: deslocaram as lajes da «câmara da rainha» e escavaram uma escadaria improvisada. Após haver sido colocado o sarcófago faraónico, essas lajes terão sido reposicionadas, ocultando, em definitivo, os seus aposentos funerários. Será que estamos perante uma grande descoberta? Só o tempo o dirá...

Pedro de Abreu Malheiro